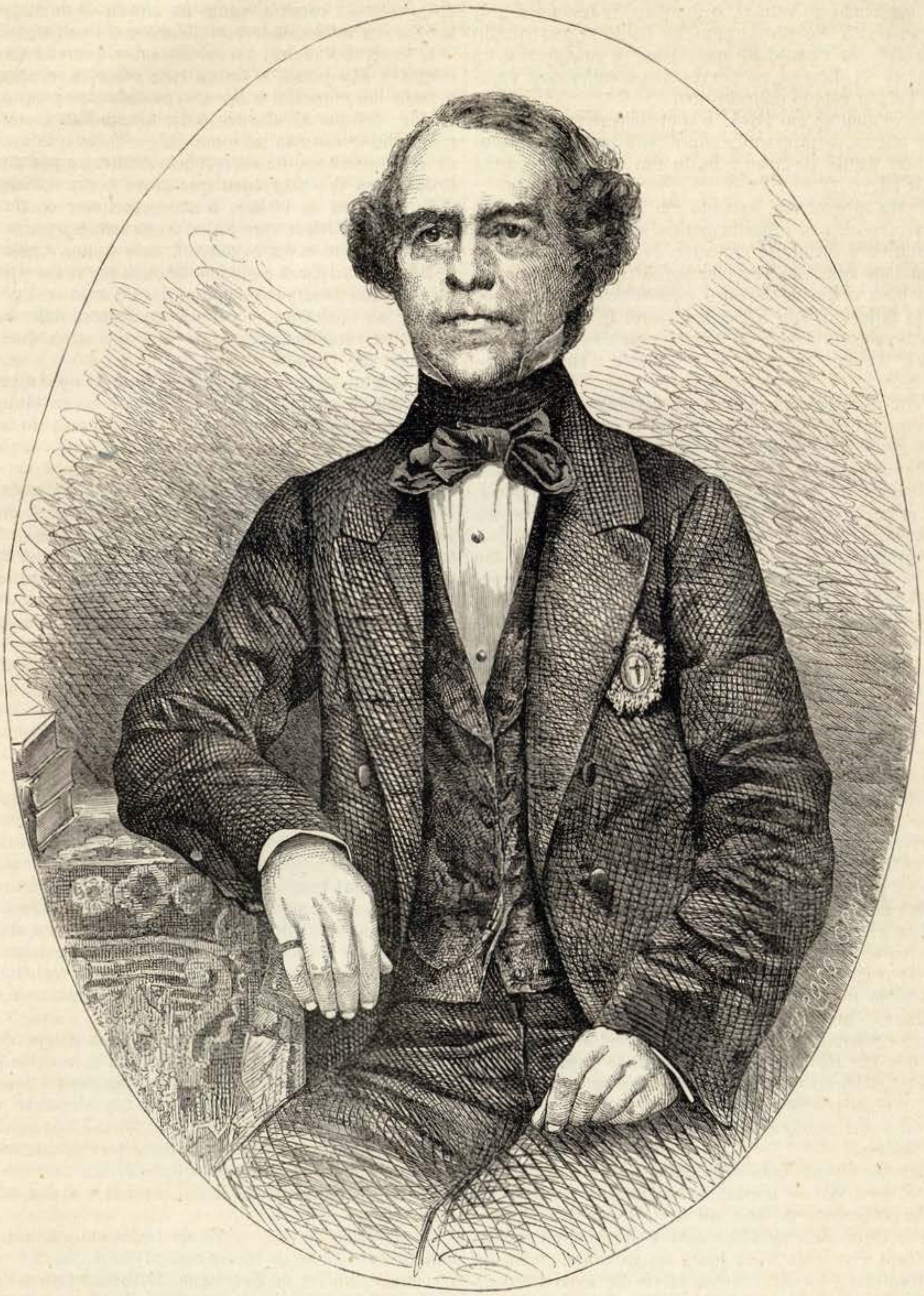


Dr. Luiz Paulo de Araujo Basto, visconde dos Fiaes

Á galeria de retratos dos homens notaveis do imperio do Brasil que n'este semanario se tem colligido, juntâmos hoje o de um insigne magistrado, cuja vida publica e privada foi um compendio de virtudes civicas e domesticas, que lhe grangearam a honrada memoria que legou á sua patria e a seus descendentes.

Para muitas paginas fôra a sua biographia, se não tiveramos de nos cingir á estreiteza d'estas columnas.

Luiz Paulo de Araujo Basto, filho do negociante portuguez Manuel Rodrigues de Araujo e Silva, e de sua mulher D. Maria Luiza de Albuquerque Barros e Basto, brasileira, nasceu na cidade do Rio de Janeiro aos 30 de janeiro de 1797.

Sendo eleito bispo de Pernambuco seu tio D. Fr. Antonio de S. José Basto, o levou em sua companhia para aquella cidade, onde estudou humanidades, tendo ao mesmo tempo a administração economica do paço episcopal, em cujo exercicio se houve com tanto acerto

e fidelidade, que o bispo, reconhecendo n'elle predicados para mais altas funcções, e porque o via sempre applicado ao estudo, o mandou frequentar a universidade de Coimbra, para se doutorar em direito canonico, no intento de que viesse a coadjuval-o no governo da diocese, se porventura manifestasse vocação para o estado ecclesiastico.

Matriculou-se em 1814, e com successivas approvações plenas, e proposto sempre para premio, formou-se Luiz Paulo de Araujo Basto em canones no anno de 1819.

N'esta mesma era, estando em Lisboa passando as férias, recebeu a infausta noticia da morte repentina de seu tio e carinhoso protector. Prostrado pela mágoa e saudade que esta sensivel perda lhe causou, partiu logo para o Rio de Janeiro, onde o veneravel prelado havia fallecido. Alli o recebeu el-rei D. João VI, com a benevolencia devida ao descendente do egregio bispo D. Fr. Antonio Basto, e lhe prometteu a sua real protecção.

Feita a costumada leitura no desembargo do paço, com unanime approvação, e em seguida habilitado para os logares de letras, foi por el-rei preferido a muitos concorrentes para o de juiz do crime da cidade da Bahia, com o predicamento de correição ordinaria, em attenção aos serviços do bispo seu tio, por um honroso decreto datado de 4 de agosto de 1820.

Partiu logo para a Bahia, tomando posse do seu cargo, que exerceu com tanta rectidão e com madureza tão superior á sua edade, que, passados poucos mezes, foi investido das mais graves funcções durante a revolução que rebentou na Bahia a 10 de fevereiro de 1821, a favor do regimen constitucional proclamado em Portugal no anno antecedente.

É sabido que, chegada ao Brasil a noticia de se haver constituido em Lisboa um governo provisorio para convocar cortes constituintes, em quasi todas as provincias d'aquelle estado se installaram juntas de governos provisorios para adherirem á revolução da metropole, e proclamarem a constituição que as cortes houvessem de promulgar.

Pacificamente, sem opposição, se elegeram muitas d'estas juntas, mas na Bahia houve lamentaveis conflictos entre a tropa e o povo, e correu o sangue de muitas victimas.

O conde de Palma, capitão general da Bahia, oppoz-se á auctoridade da junta, mas, depois de ser mal succedido n'um ataque contra os regimentos que a defendiam, annuiu a proclamar com as suas tropas a futura constituição; mas recusou a presidencia da junta, que lhe foi offerecida, e retirou-se para o Rio de Janeiro a bordo de uma fragata ingleza.

Foi nomeado pelo rei, para substituir o conde no governo das armas da Bahia, o brigadeiro Luiz Ignacio Madeira.

Quando chegou esta nomeação, estava o dr. Araujo Basto servindo de presidente do senado da Camara, no impedimento do juiz de fóra, tendo já sido nomeado intendente geral do oiro, e presidente da mesa de inspecção, pela nova junta do governo, eleita em conformidade do decreto das cortes de Lisboa datado de 29 de setembro de 1821, da qual era presidente o dr. Francisco Vicente Vianna, primeiro barão do Rio das Contas.

Convocou Araujo Basto a camara para a posse do novo governador, mas, não se julgando legal o diploma, se lhe não deu a investidura. Por esta recusa, as tropas portuguezas romperam fogo contra as brasileiras, durando a peleja tres dias, até que, vencidas estas, se retiraram com os opposicionistas para o forte de S. Pedro, e depois para o Reconcavo, ficando o brigadeiro Madeira senhor da cidade, onde por algumas semanas reinou a mais completa anarchia.

Em tão arduas circunstancias, rodeado de tantos perigos, ameaçado pela furia dos partidos, Araujo Basto não desamparou o seu posto, e tanto como presidente do senado da camara, como na alçada de juiz, manteve a sua auctoridade e atalhou muitas calamidades.

O general Madeira, apesar de saber que elle votára contra a sua posse, o tratou com respeito, e chegou a pedir-lhe conselho sobre a gravidade da situação da cidade; do que se absteve o dr. Araujo Basto, ponderando-lhe que a sua nacionalidade e cargo o inhibiam de ser conselheiro da auctoridade militar; e por muito instado, só lhe respondeu que désse conta do succedido ás cortes de Lisboa, e não procedesse contra os officiaes brasileiros que tinha preso sem esperar a resolução. Assim o fez o general, mas nunca a obteve.

Madeira fortificou a cidade, que em breve foi sitiada pelas tropas brasileiras, que se levantaram no Reconcavo e na Cachoeira, e com as quaes teve differentes combates renhidos, auxiliado dos soccorros que de Portugal lhe vieram.

Esta fatal guerra civil durou vinte e oito mezes, crescendo a emigração da cidade para os revoltosos, que se haviam declarado pela independencia do Brasil, a ponto de que nos ultimos mezes subia a mais de dez mil pessoas.

Madeira tentou o ultimo esforço. Não havendo já viveres para o exercito e esquadra de Portugal, obrigou a sairem da cidade todos os que não eram combatentes; e expediu uma portaria ao juiz Araujo Basto, para que em oito dias inventariasse as pratas e joias das egrejas. A esta ordem oppoz o intrepido magistrado tão sagazes objecções, que a final conseguiu salvar o thesouro dos templos da Bahia.

A esquadra que o imperador D. Pedro mandou ás ordens do almirante lord Cockrane, para bloquear a Bahia, obrigou por fim o general Madeira a abandonar a cidade, embarcando com suas tropas para Portugal na esquadra que tinha ás ordens.

Com a entrada do exercito brasileiro na cidade, não foi menos arduo o desempenho dos cargos que então exercia Araujo Basto: de auditor de guerra; juiz do crime, do civel e dos orphãos; presidente da camara e da mesa da inspecção da junta do governo; ouvidor da alfandega; corregedor da comarca; superintendente das decimas; e provedor das capellas, dos defunctos e ausentes. As exigencias dos vencedores, as vindictas politicas e o odio contra os portuguezes, acharam n'esta corajosa e indomavel auctoridade a resistencia e força que possue a vara da justiça quando está em mãos austeras e incorruptiveis.

A historia d'este calamitoso periodo da independencia do Brasil julgará com imparcialidade os actos dos que motivaram as calamidades que padeceu a Bahia, mas deixará immaculado o nome do visconde dos Fiaes.

Em remuneração de tão relevantes serviços, recebeu do imperador a condecoração de official da ordem do Cruzeiro, a primeira do Brasil, creada em dezembro de 1822.

Por decreto de 4 de abril de 1824, em attenção ao cabal desempenho de tantos cargos que havia exercido nas mais difficeis conjuncturas, foi promovido a desembargador ordinario da relação da Bahia, tendo apenas vinte e sete annos quando subio a esta dignidade senatoria!

Eleito deputado á primeira assembléa constituinte do imperio, pela provincia da Bahia, foi tomar assento na camara.

Dissolvidas as cortes em 12 de novembro de 1823, voltou o dr. Basto ao exercicio dos seus cargos na Bahia, até 1826, em que foi despachado desembargador da casa da supplicação na corte do Rio de Janeiro.

Foi segunda vez eleito deputado á assembléa legislativa de 1827; e n'este mesmo anno sua magestade o imperador o nomeou adjunto ao supremo conselho

militar, para julgar as prezas feitas pela esquadra brasileira no Rio da Prata, pelo conhecimento que tinha da sua consummada jurisprudencia.

Em 1828 foi nomeado intendente geral da policia da corte e imperio, logar que lhe grangeou summa reputação, e onde fez á cidade do Rio de Janeiro serviços não menos relevantes que os do desembargador Diogo Ignacio de Pina Manique á de Lisboa.

Não havia no Rio segurança pessoal; os roubos eram frequentes; quadrilhas de salteadores infestavam os suburbios; e a distancia de duas legoas da cidade havia *quilombos* de negros, com seu rei, *saburandá*, que viviam de pilhagem. Os ciganos faziam continuas depredações em toda a provincia do Rio. O novo intendente conseguiu em pouco tempo livrar o seu districto de tantos malfeitores, prendendo mais de duzentos; fugindo então a cohorte dos ciganos para Buenos Ayres.

Padecia a cidade grande falta de agua; e foi elle quem a abasteceu, descobrindo abundantes nascentes na cordilheira dos Montes, e construindo um novo aqueducto para as trazer ao da Carioca, empregando n'estes trabalhos os escravos fugidos e os presos pela policia.

Com obras de calçadas, e outras de limpeza e salubridade, deu novo aspecto á cidade do Rio de Janeiro.

Por occasião do casamento do imperador com a princeza D. Amelia de Leuchtemberg, o intendente, sem dispender um real da fazenda publica, fez com que a cidade recebesse a nova imperatriz com pompa e geraes demonstrações de alegria, pelo que mereceu ser mui festejado dos augustos consortes.

N'esse dia foi agraciado com o fôro de fidalgo cavalleiro, e promovido a desembargador aggravista da casa da supplicação, continuando no exercicio de intendente geral da policia.

Por carta imperial de 29 de janeiro de 1830, foi nomeado presidente da provincia da Bahia; e, posto que os principaes habitantes do Rio de Janeiro assignassem uma petição ao imperador, pedindo-lhe que não privasse a capital de um intendente tão zeloso e benemerito, Araujo Basto não conveiu, mórmente quando soube que tinham assassinado o visconde de Camamú, que governava aquella provincia, prevendo que ainda podia ser util á Bahia.

Para aquella cidade partiu, e tomou posse do governo em 13 de abril. A recordação indelevel dos serviços que elle lhes havia feito em 1822 e 23 lhe mereceu a mais festiva e cordial recepção dos habitantes da Bahia.

N'este governo mostrou o dr. Basto os seus eminentes dotes de administrador. As providencias que adoptou para a arrecadação da fazenda publica fizeram em pouco tempo quadruplicar os rendimentos da provincia. Fez entrar nos cofres do estado mais de novecentos contos de dividas antigas, sem recorrer ao emprego das execuções fiscaes. E quando se demittiu da presidencia deixou no thesouro da provincia proximo de mil contos.

Nunca a receita publica da Bahia ascendeu a tal somma. Tanto póde a consciencia, o zelo e a energia dos que governam!

Nova phase se nos depara agora na vida do visconde dos Fiaes. Tinha já dado á patria o melhor dos seus dias, em tantos e tão onerosos serviços; a familia reclamava-lhe tambem os affectos e os cuidados. Contrahiu matrimonio com a filha do seu antigo collega na junta da Bahia, o barão do Rio das Contas, D. Maria Clara Vianna. Resolveu então retirar-se da vida publica e ir estabelecer-se na Bahia, d'onde sua esposa era nativa.

Porém o abalo que em todo o Brasil causou a abdicação do imperador D. Pedro I, as revoltas que houve em varias provincias, e sobre tudo na Bahia, detiveram Araujo Basto no governo, devendo-se á sua poderosa influencia, e ao respeito que lhe guardavam, não se accender alli de novo a guerra civil.

Restabelecida a paz, a regencia concedeu ao presidente da Bahia a exoneração pedida, o que se effectuou em julho de 1831, obtendo depois a sua aposentação de desembargador.

Em 1832 foi nomeado socio effectivo da sociedade de agricultura, commercio e industria da provincia da Bahia. Eleito provedor da santa casa da Misericordia da mesma cidade, na administração d'este estabelecimento empregou a sua innata actividade, accrescentando o patrimonio da casa, e construindo o novo hospital denominado da Nazareth.

Em 1833 foi eleito por terceira vez deputado á assembléa geral, e pela primeira deputado á assembléa provincial, vereador da camara municipal, e membro do conselho do governo. Por suas molestias, só acceitou a deputação da assembléa provincial.

Quando em 1834 se fundou na Bahia a caixa economica, foi o dr. Basto nomeado director; e pela sua gerencia conseguiu ser este um dos estabelecimentos de mais credito n'aquella cidade.

Na sessão da assembléa provincial de 1835 foi o unico que obteve maioria para servir de vice-presidente da provincia, eleição immediatamente approvada pelo governo.

No dia da coroação do actual imperador do Brasil, a 16 de julho de 1841, agraciou sua magestade o conselheiro Araujo Basto com o titulo de barão dos Fiaes, pelos seus eminentes serviços e elevado caracter; e em 1848 lhe foram concedidas as honras de grandeza.

Creado o tribunal do commercio na Bahia em 1848, foi o barão dos Fiaes nomeado seu presidente, cargo que exerceu com a costumada rectidão e pericia até 1852, em que pediu a sua exoneração.

Em 1854 lhe foi conferido o titulo de visconde, novo testimunho de reconhecimento e galardão dos seus serviços.

Quando em 1856 se extinguiu o banco commercial da Bahia, sendo substituido pela caixa filial do banco do Brasil, foi o visconde dos Fiaes nomeado presidente da directoria, logar que exerceu até ao seu fallecimento.

Por occasião da visita do imperador á cidade da Bahia, creou-se um instituto de agricultura, para o qual o visconde foi eleito director. N'esta qualidade propoz varios planos para acudir ás necessidades da lavoira, que foram publicados com louvor pela imprensa.

Não houve empreza, ou sequer tentativa, para o engrandecimento da sua patria, para allivio da pobreza ou para o culto religioso, a que o visconde dos Fiaes não associasse o seu nome, e não prestasse a sua cooperação efficaz e perseverante.

Mas uma vida tão laboriosa mal podia ser longa e isenta de enfermidades. A que elle padecia desde a mocidade, uma affecção pulmonar, se lhe foi aggravando successivamente, até que em 1863, depois de um anno de lucta com as principaes capacidades da medicina, a morte o derrubou pelas oito horas da noite de 27 de julho.

Tinha-se prevenido para a eterna viagem com os sacramentos da egreja, com as preces dos ministros do Evangelho, e com o perdão dos que podéra ter offendido. A sua christandade nunca fôra desmentida por nenhum acto da sua vida. A resignação com que supportou os ultimos transes foi edificante. Os reverendos conegos Manuel dos Santos Pereira e João de Nepomuceno da Rocha lhe assistiram desde o dia 20, em que foi desenganado. Os prelados de varias religiões vieram encommendal-o á Divina Misericordia, e sua extremosa filha D. Clara, a unica que estava em sua companhia, lhe recebeu o ultimo suspiro.

A noticia d'este obito enlutou a cidade da Bahia; e no sequito numeroso que acompanhou o funeral do

visconde, bem patentearam todos os seus habitantes a veneração que lhe tinham.

Para honra e brazão da magistratura brasileira, devêra o ceo prolongar a existencia d'este preclaro varão. Mas, se a medirmos pelo itinerario que acabámos de esboçar, bem extensa e aventurada foi a sua viagem terrestre, porque, como diz o grande Vieira — não está a felicidade em viver muito, mas em viver bem.

A. da Silva Tullio.

A CARLOTA DE GOETHE

Na arte, como na politica, os revolucionarios são os grandes homens. Quando digo revolucionarios não alludo a esses maus fermentos de perturbação e de discordia, espiritos irrequietos que seduzem os incautos, e que, levados pela cubiça, desmoronam e arrazam todos os templos, para depois forragearem a seu talante por entre os montes das ruinas; quando digo revolucionarios lembro-me dos que partem com mão de ferro o jugo das convenções ou dos despotismos, e que implantam no meio d'esses destroços o novo vexillo, o estandarte que ondeia ao sôpro da viva inspiração ou da estreme liberdade.

As revoluções são raras. O que é frequente é o motim sedicioso, a agitação tumultuaria, o grito anarchico, o marulho d'esses fervedoiros insipientes e malevolos, que pensam em subir de nivel, mas que apenas descobrem a olhos perscrutadores a vasa que lhes anda a collear no fundo. Isto é mais na politica do que na arte; esta, porém, não deixa de ter os seus cabecilhas perigosos.

Em todos os seculos e em todos os paizes não deixa de apparecer nunca um d'estes Brutos em tosco, d'estes Aristogitons de fundo falso. No mundo civil alcunham-se de salvadores; no litterario de originaes. Quando se rarefazem as ultimas fumaradas da escaramuça é que elles apresentam o muito que querem e o nada que valem.

Em contraposição sublime, ostentam-se os verdadeiros revolucionarios.

O homem que inspirou a Kaulbach o assumpto do presente quadro pertence ao numero dos que sublevam as ondas para que ellas arrojem perolas. Não ha muito que, n'este mesmo logar, um talento que tem dado de si fructos opimos esboçou felizmente a physionomia admiravel de Gœthe; não nos será, comtudo, defeso prestar, do fundo da nossa humildade, o tributo que é devido aos deuses.

Henri Heine disse de Gœthe, que elle tinha feito um 18 brumario na litteratura allemã. De feito, o titão da poesia germanica, soltando a voz modulada pelas grandes harmonias da natureza, cobriu o rumor plangente dos lyricos sentimentaes e franzinos, que andavam, como as rôlas em pinheiral intrincado, gemendo e solfeando queixumes.

Gœthe é a natureza. As suas paginas são como os rochedos alvissimos que se levantam aqui e além por todo esse mundo de maravilhas. Estes rochedos são frios. Transpira d'elles, é verdade, o effluvio d'essa grande alma do universo; o espirito absorve-se na contemplação d'essa magestade solemne; mas o coração não experimenta os subitos abalos que produzem as scenas patheticas. A taes rochedos o poeta amarrou mais de uma Andromaca sublime; porém os membros da divindade sentem-se resfriados pelo bater das ondas.

O pantheismo de Gœete gerou-lhe naturalmente o indifferentismo. A humanidade para elle não era um mobil de enthusiasmos creadores. A commoção de Schiller não lhe sacudia as fibras. Grandioso e altivo, conservava o que quer que fosse da immobilidade olympica. Por isso o auctor do *Alta Troll*, quando o visitou em Weimar, julgava estar-lhe vendo ao lado a aguia terrivel, tendo no bico um raio.

A historia de Gœthe, como a de todos os homens eminentes, tem os seus capitulos amargos, escriptos pela inveja soez ou pela censura atrabiliaria.

Wilhelm Meister abriu em 1821 o raro cortejo de obras primas, acima das quaes realça esse evangelho do pantheismo, segundo a expressão feliz de H. Blaze, que se intitula *Fausto*.

N'este renque de composições esplendidas, *Werther* occupa um dos primeiros logares.

Werther é a fatalidade do coração levando o homem até o suicidio. Quem não conhece este livro de tanta melancolia, este alvorecer de dois corações para quem tão depressa vem o crepusculo? Não faremos agora o commentario do principio ou do thema que n'elle se discute. *Werther* foi escripto, de certo, n'uma tarde de inverno, quando as folhas caem amarellecidas e quando os nevoeiros engrossam.

Ha n'elle a tristeza de um pôr do sol de dezembro. A pomba do amor, que adeja por cima d'aquellas duas cabeças, tem as azas humedecidas, não direi se pela chuva, se pelas lagrimas. Por isso os cantos de Ossian, glaciaes e phantasticos, servem de laço mysterioso no consorcio d'aquellas duas almas.

O quadro cuja gravura vemos hoje é uma das mais singelas paginas d'esse livro. Não nos levarão, certamente, a mal que transplantemos para a nossa prosa descórada o estilo soberbo e natural do poeta de *Goëtz de Berlichingen* e de tantos prodigios incomparaveis:

«Apeára-me da carruagem. Uma criada que chegou á porta pediu-me para esperar um momento; Carlota não podia tardar. Atravessei o pateo e encaminhei-me para a casa, por me parecer edificada com elegancia. Subi a escadaria, abri a porta da entrada, e foi então que dei com o mais delicioso espectaculo que jámais gozei na minha vida. Na sala, seis crianças, de dois até onze annos, apertavam-se e saltavam em volta de uma gentil rapariga, de talhe natural mas formoso. Trajava ella um singelo vestido branco, guarnecido de fitas côr de rosa, assim nas mangas como no corpete. Tinha na mão um pão de rala, do qual cortava fatias para cada uma das crianças, conforme a edade e o appetite. E com que sorriso ella os servia!... e como elles, sofregos, com as mãos estendidas, agradeciam depois o quinhão que ella graciosamente lhes dava!... Depois de feita a partilha todos elles se retiraram — uns pulando jovialmente, outros com andar mais pausado; e foram até á porta para ver os desconhecidos e a carruagem que lhes devia levar a sua boa Carlota.»

É esta a scena que nos descreve Gœthe com a correcta naturalidade do seu desenho.

Kaulbach, um dos maiores pintores da Allemanha, e um dos homens que, pelo seu famoso quadro cyclico, a *Torre de Babel*, increveu o nome entre o de Cornelius e Schnorr, Kaulbach, digo, encarregou-se de tornar patentes as figuras da suave composição de Gœthe.

Sem conhecer o quadro, não nos parece, pela observação do transumpto, que o pintor conseguisse reproduzir a singeleza poetica que se admira na narrativa. Este defeito, se porventura existe, procede rigorosamente da individualidade do pintor. Kaulbach é hoje em dia um dos maiores idealistas germanicos. O seu espirito tende para a concepção dos grandes periodos da humanidade; o seu pincel recreia-se com o imaginoso, e gosta de espraiar-se nos trabalhos muraes e nas télas amplissimas. Por isso no debuxo de uma scena tão trivial, mas cujo encanto reside na finura dos toques, o pintor viu-se constrangido e apertado, e não soube dar ao grupo das criancinhas a simplicidade pueril, como não exprimiu na figura principal o ar de carinho e de desaffectada bondade que



A Carlota de Gœthe

o poeta revelou no seu eito. Não digamos isto em desabono de quem, para ser illustre, tem tantas e tantas obras notaveis; fizemos reparo n'este desaccordo entre a folha e a téla, entre a palavra e o desenho, porque, havendo fallado de Gœthe e da sua feição litteraria, era justo definir o logar onde o interprete o exaggera.

Gœthe é o poeta da natureza. No proprio *Werther*, depois de ter contado a impressão que lhe fez o ter visto um dia um rapazinho de quatro annos sentado no chão, e embalando no collo a um irmão de dois mezes, quando muito, o admiravel pantheista exclama: «Cada vez persistirei mais em seguir a natureza. É só n'ella que existem as minas inexgotaveis; é só ella que faz os grandes artistas. Póde escrever-se muito em favor das regras, como póde tecer-se o elogio das leis da sociedade. O que se liga aos preceitos, verdade é que nada produzirá de pessimo ou de ridiculo, como o que observa as convenções sociaes não chegará a tornar-se um malfeitor insigne; mas, diga-se o que se disser, as regras abafam o sentimento natural, e

desfeiam ou estragam o que deve ser candido e singelo.»

Mais nos estava pedindo o animo para dizer a respeito de um homem tal como Gœthe; o curto espaço de que dispomos impede-nos, comtudo, de mais largas considerações. Não terminaremos, em todo o caso, sem apontar com insistencia para a opinião d'esse poeta sublime. Hoje, que a litteratura parece querer transviar-se para os matagaes enredados, é bom que apostolemos os gentios com a sã doutrina do mestre. A natureza é a procreadora infatigavel. O homem trivial corre o olhar por todos os quadros, do campo ou da villa, das estações floridas ou agrestes, e não encontra o germen de nenhuma idéa sublime. O artista sente-o. A inspiração fecunda a terra; o que é sombrio doira-se, o que é escalvado alinda-se. A arte é a filha d'estes esponsaes divinos. Os que procuram o bello entre as nuvens desvairam-se, aturdem-se, tenteiam as sombras, e acabam, como Semele, abrazados pelo fogo que adoram; os que o procuram na terra, os que se abraçam á mãe commum —*alma parens!*— esses reelevam-se, como Antêo, cheios de vigor e alento.

E. A. Vidal.

REAL ASYLO DOS INVALIDOS, EM RUNA

(Vid. pag. 386)

IV

A serenissima sr.ª D. Maria Francisca Benedicta não era tão sómente uma alma cheia da mais perfumada poesia; era tambem, o que muito vale, um espirito sadio, robusto, serio e grave, e um coração generoso, aberto a tudo o que tivesse o cunho da grandiosidade e da elevação.

Quem visitar detidamente o asylo de Runa concluirá de certo o que fica dito, sem a menor lisonja, a qual ha muito abafou e sumiu a sua voz perante o tumulo que encerra o corpo da princeza desde o anno de 1829.

Alma artistica de elevados dotes, está-se delatando aos olhos menos observadores na traça geral do edificio e em cada uma das suas partes, nas bellas pinturas e formosos desenhos que saíram do seu lapis e do seu pincel, e que ainda hoje se podem ver nos aposentos, que foram d'ella.

No archivo do asylo vê o viajante algumas curiosidades artisticas, dignas de subido apreço, que á princeza são devidas.

Entre ellas não é possivel calar a magnifica e formosa custodia, cujo desenho é obra da real fundadora.

Na custodia allia-se amoravelmente a arte e um dogma da religião ao pensamento mystico e profundo da transubstanciação, porque estão representadas as tres especies que entram na composição da hostia e do calix.

As espigas de trigo tem os grãos feitos de bello topazio, e symbolisam o pão.

O vinho está representado por cachos de uvas, cujos bagos são admiraveis amethistas.

Figura a agua uma formosa e grande agua-marinha de tamanho pouco commum, de pureza incontestavel, de uma côr uniforme e immaculada, sem a menor sombra ou quebra de limpidez.

Outros objectos de arte, posto que de somenos importancia, e devidos todos á princeza, deveriam ser enunciados, se maior folga nos fosse permittida. É, comtudo, impossivel não descrever, posto que em largos traços, o edificio no seu todo.

Occupa elle um vasto ambito em fórma de parallelogramo rectangulo, com quatro fachadas regulares e symetricas.

É a entrada de bastante magnificencia e de nobre aspecto, e bem lançada a escadaria principal, aberta ao centro do edificio, cuja distribuição interior conventual não é porventura das mais adequadas ao fim, posto que estivesse nas idéas do tempo.

Longos e compridos corredores, bem arejados e allumiados, dão serventia commoda aos cubiculos e cellas adjacentes dos dois pavimentos.

Na fachada principal estão dispostas as moradias dos empregados, as salas de recepção, a secretaria, o archivo e mais dependencias necessarias a uma instituição d'esta ordem.

Os aposentos da princeza estão na opposta fachada, independentes e modestamente situados, como que procurando o recato e a solidão.

N'estes apartamentos ha de notavel, como se disse, as obras que legou, e que foram feitas pela sua propria mão.

Os asylados vivem em dormitorios escassos de luz, algum tanto humidos e bastante acanhados.

Egual pecha se póde pôr nos refeitorios.

A egreja é uma fabrica maravilhosa, onde o viajante encontra grande pasto para a sua analyse e admiração.

Tem o altar ao centro, e é quadruplo, como mandam as praxes do estilo romano.

Não é a capella um templo grandioso, mas sim perfeitamente proporcionada, e tem umas linhas severas e harmonicas, quaes exige a boa architectura religosa. Não ha alli garridice, nem tão pouco laçarias, rendilhados e aéreas volutas, senão boa selecção, e sobre tudo uma seriedade modesta, que se casa perfeitamente com o destino do edificio.

Bellos marmores se ostentam, que tem aliás o merito de serem extrahidos de umas pedreiras sitas no monte sobranceiro ao asylo.

Ha no templo quatro estatuas de formoso marmore de Carrara, que estão mettidas em outros tantos nichos. Estas estatuas foram cinzeladas em Roma.

Infelizmente, não póde a princeza completar a cupula ou zimborio do templo, que ficou desengraçado e mesquinho, e desdiz da grandiosidade do edificio.

A despeza total da obra montou, segundo um computo que póde reputar-se rigoroso, a mais de seiscentos contos.

Avultada despeza foi, que mal permittiu recolher o desejado numero de invalidos, porque ficaram cerceados os rendimentos. Ainda assim, e segundo os regulamentos e mais disposições, firmados pelo punho da augusta princeza, e só a ella devidos, podiam ser sustentados 120 invalidos.

Por morte d'aquella benemerita e excelsa senhora subiram os rendimentos da casa a perto de 9:000$000 réis.

Constituiam a dotação do real asylo: 1.º a commenda de S. Thiago de Beduido; 2.º uma apolice com vencimento de 5 por cento do capital de 26:800$000 réis; 3.º um titulo de divida publica sem vencimento no valor de 11:999$960 réis; 4.º duas acções da companhia dos vinhos do Douro de 800$000 réis; 5.º as quintas de Runa, Enchara do Bispo e da Amora, com suas annexas.

A especial natureza da dotação ficou sujeita a grandes reducções, quando se implantou o governo constitucional, que acabou com as commendas.

Ha tempos a esta parte que o governo parece cuidar do asylo, e tem convertido em fundos publicos os bens legados pela real fundadora. Parece que só resta a quinta de Alcobaça, que circunda o asylo, e o pinhal denominado de Monte Redondo, situado a coisa de uma legoa para noroeste.

Deve conservar-se a quinta de Alcobaça, que é optimo terreno, continuando a arrendal-a, e obrigando o rendeiro que a fabríca e amanha a plantar novo vinhedo.

N'esta quinta está o cemiterio dos asylados, e bem assim o encanamento e as minas de agua.

O pinhal tambem não deve ser alienado, porque fornece excellente combustivel e optimas madeiras de construcção. É elle de vasta extensão, pois mede passante de 250:000 metros quadrados, e está completamente povoado. O asylo apenas cultiva uma pequena parte, que corre do edificio á estrada pelo lado occidental; e o actual director, o sr. marechal Baracho, trata de plantar um pomar de laranjeiras em terreno adjacente, que até agora estivera inculto.

Em frente do edificio corre um atrio ou pateo ajardinado com algumas laranjeiras.

Perpendicularmente ao pateo abre-se o caminho que vae dar á estrada, por meio de um portão de cantaria.

Tal é a descripção succinta e breve do edificio, o qual, fundado por uma virtuosa senhora, é ainda hoje protegido por outra princeza de não menores qualidades, sua magestade imperial a sr.ª duqueza de Bragança.

(Continúa) A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

(Conclusão. Vid. pag. 373)

II

Deixámos o nosso arcebispo em Trento, e n'esta segunda parte il-o-hemos encontrar novamente em Braga, já que é forçoso encurtar a mão na resenha de particularidades. Fez elle sua entrada no meiado de março, quasi em vespera da dominga de Paixão, após tres annos de ausencia. Receberam-n'o os povos com aquelle alvoroço de contentamento com que se recebe um pae muito amado; e elle começou desde logo a corresponder ao affecto que lhe testimunhavam, dando-se todo ao cuidado de pastorear santamente, e de fazer seu officio de bispo, que aos olhos de D. Fr. Bartholomeu não era outra coisa senão officio de apostolo.

Vem aqui muito de molde o recordar um successo que deixámos de apontar no primeiro capitulo d'esta noticia. Compendia elle em si maravilhosamente quantas dissertações poderiamos fazer sobre a diligencia, vigilancia e abrazado amor com que o arcebispo attentava em suas ovelhas, acudindo a tudo, soccorrendo todos a miude, com detrimento de sua pessoa, que era o que menos o embaraçava.

Servir-me-hei das palavras do amenissimo classico seu biographo; que será, de certo, aprazivel aos que me lêem dar com oiro de tão finos quilates em meio d'estas areias sem formosura. Conta o historiador que, andando o arcebispo em suas visitações, ao passar um dia de um logar para outro o salteou uma chuva fria e importuna, que o não largou na maior parte da jornada. Elle, que de tudo tirava materia para sentenças e para louvar a Deus, era o unico da comitiva para quem os jorros de agua não se tornavam congeladores nem molestos. Offereceu-se-lhe então á vista, diz o purissimo escriptor, não longe do caminho, posto sobre um penedo alto e descoberto ao vento e á chuva, um menino pobre e mal reparado de roupa, que vigiava umas ovelhinhas que ao longo andavam pastando: notou o arcebispo a estancia, o tempo, a edade, o vestido, a paciencia do pobresinho; e viu juntamente que ao pé do penedo se abria uma lapa, que podia ser bastante abrigo para o tempo: movido de piedade, parou, e chamou-o, e disse-lhe que se descesse abaixo para a lapa e fugisse da chuva, pois não tinha roupa bastante para a esperar: — Isso não, respondeu o pastorinho, que em deixando de estar álerta e com o olho aberto, vem logo o lobo e leva-me a ovelha, ou vem a raposa e mata-me o cordeiro. — E que vae n'isso? disse o arcebispo. — A mim me vae muito, lhe tornou elle, que tenho pae em casa, que pelejará commigo, e tão bom dia se não forem mais que brados: eu vigio o gado, elle me vigia a mim: mais vale soffrer a chuva. — Não quiz o arcebispo dar mais passo, esperou que chegassem os de sua companhia, contou-lhes o que passára com o menino, e accrescentou: — E este esfarrapadinho innocente ensina a fr. Bartholomeu a ser arcebispo.

Nunca jámais se pintou quadro tão bello e com tintas de uma suavidade tamanha. Andava elle ao certo reflectido de constante no animo do arcebispo, que, á similhança do pastorinho, teve sempre muito a peito as contas que lhe tomaria o pae celestial, se elle porventura desamparasse o seu rebanho para se recolher a boa sombra.

Desde a volta de Trento até o dia de sua morte, podem contar-se os dias do arcebispo pelos trabalhos e praticas edificantes, a que se dava sem repoiso. Apenas chegado a Braga, e em observancia dos decretos do concilio, deu começo ao primeiro seminario que houve n'este reino, e depois ás longas visitações pela diocese, sem que lhe fossem embargo nem as furias do tempo, nem outras peiores que lhe vinham dos homens.

Levantavam-se-lhe a cada passo poeiras de contradicções e contendas; pleiteavam muitas egrejas sobre suas immunidades e jurisdicção, engrossavam os inimigos como ondas, e parecia quererem-n'o accommetter e derrubar. Nada, porém, perturbava a mansuetissima tranquillidade do arcebispo; seguia o caminho que a consciencia lhe mostrava recto, e, com os espiritos levantados até Deus, não sentia as marulhadas de inimigos. Não diremos com isto que a brandura da sua alma não cedesse logar á irritabilidade, quando os escandalos e desaforos lhe entravam pelos olhos. Então, como Christo azorragára os vendilhões do templo, assim elle vibrava o látego ás mãos juntas sobre os vendilhões da justiça, e sobre quantos semeavam a corrupção, escudados por sua grandeza e valimento.

Tal devem ser todos os curas d'almas; promptos a despirem-se para agasalhar suas ovelhas, ai dos que vierem assaltar o aprisco, porque então o guardador tem de sair a campo e afugental-os com aspereza.

Em setembro de 1566 convocou elle concilio provincial, o qual celebrou com os bispos seus suffraganeos, D. Fr. João Soares, de Coimbra, D. Rodrigo Pinheiro, do Porto, D. Antonio Pinheiro, de Miranda, e ahi se fizeram muitas constituições a bem da sua egreja.

Alterára-se o reino com a morte de D. Henrique (facto este occorrido no ultimo dia de janeiro de 1580), e de um e de outro ponto iam já transpirando as dissenções e litigios. Escrevia-se o prologo d'esse martyrologio, cujas folhas só seriam rasgadas, sessenta annos depois, ás mãos do heroismo e da lealdade. Santarem deu principio ao pleito, acclamando rei a D. Antonio, prior do Crato. Seguiram-se-lhe muitos logares principaes, lavrou a faisca pelo reino, e Braga incendiada por ella, foi desprendendo do seu seio as labaredas da discordia.

Governavam o reino o arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, D. Francisco de Sá e Menezes, D. João de Mascarenhas, Diogo Lopes de Sousa e João Telles de Menezes. Cumpria decidir de prompto qual o caminho a seguir em conjuncção tão grave. Reuniram-se cortes em Almeirim; mas el-rei de Castella, temendo uma opinião contraria, mandou que o duque d'Alba caísse sobre Lisboa, onde, a esse tempo, já D. Antonio se havia enthronisado. Em 26 de agosto, ás portas de Alcantara, empenhou-se essa peleja, da qual redundou o desbarato de um troço de portuguezes e o reconhecimento de Filippe II como senhor de Portugal. Os governadores haviam então partido de Almeirim para Setubal, e d'ahi para S. Lucar, onde declararam rei a Filippe, por alvará datado de Badajoz aos 7 de agosto de 1580.

É n'este ponto que a historia parece ver uma sombra a empanar o brilho na physionomia do arcebispo. A sua tibieza ou escrupulo faz com que em Braga se eleja o rei de Castella, e, quando os que tinham por obrigação manter a independencia da patria desertam acobardados ou venaes, elle deixa tambem a sua amada egreja, e vae para Tuy, como um fugitivo acossado, quando talvez mais salutar fosse a sua palavra em meio de animos tão contristados.

Suspendamos, comtudo, as reflexões sobre o assumpto, e prosigamos como nos cumpre. Filippe II estava rei, e os expatriados, voluntariamente, podiam sem medo regressar. Veiu com elles o arcebispo, e recolheu-se á sua cidade de Braga, na qual achou uns extremos de affecto superiores a quanto fôra licito antever.

No anno de 1581, D. Filippe convocou as cortes em Thomar, e a ellas assistiu fr. Bartholomeu, merecendo do proprio rei as mais assignaladas demonstrações de benignidade. Estas mostras de apreço animaram o arcebispo a requerer a absolvição do arcebispado. Era isto como que um carrego de que elle muito se doía, porque, na sua humildade, julgava não ter espadoas para lenho de tanto peso. Acceitou Filippe a renunciação pedida, e, com quanto Gregorio XIII a quizesse impugnar, como antes o haviam feito Pio IV e Pio V, foi ella intimada em 20 de fevereiro de 1582.

Não podem descrever-se os excessos de contentamento que os avisos de Roma trouxeram ao arcebispo. Via-se reconduzido á sua cella de frade, pela qual suspirava desde tanto tempo, e podendo entregar-se todo aos extases da sua alma. Partiu logo para o convento de Santa Cruz de Vianna, da sua ordem, que havia edificado, e ahi viveu oito annos e alguns mezes, com a austeridade mais perfeita com que poderia viver um frade raso, a quem se não concedem mimos nem se prodigalisam dispensações. Uma segunda-feira, aos 16 de junho de 1590, rendeu o espirito ao Creador, em edade de setenta e seis annos e dois mezes, e com os mais evidentes cheiros de predestinação.

Foi enterrado na capella-mór do convento, no presbyterio da parte da epistola, e d'ahi, passados dezenove annos, foi trasladado para um magnifico tumulo de jaspe, levantado no mesmo presbyterio, da parte do evangelho. As pompas solemnes que acompanharam a trasladação vem miudamente descriptas no formoso livro de fr. Luiz. Nunca triumphador algum poderia receber em vida os hymnos e as manifestações de reverencia que aquelle pobre velho, já carcomido entre quatro taboas, recebia de uma população numerosissima. É que elle era, no animo de todos, o verdadeiro triumphador, que, combatendo no mundo as iniquidades e torpezas, conseguira empunhar a viridente palma com que os limpos de coração hão de entrar ao cabo no paraiso.

Fr. Bartholomeu dos Martyres escreveu muitas obras de grande saber e de evangelica doutrina, entre as quaes deve singularmente notar-se o seu *Stimulus pastorum*, que o arcebispo de Milão, S. Carlos, fez imprimir em Roma, por seu mandado, e que é um como que roteiro para o bom governo das prelacias.

O sr. Antonio José Viale, no seu apreciavel *Bosquejo metrico da historia de Portugal*, consagra ao venerando pastor a seguinte estancia, que mui bem nol-o desenha e apresenta:

«Tu, bracharense Martyres, se tanto
Não te revelas orador facundo,
Reformador austero, humilde e santo,
Brilhas não menos por saber profundo.
Depois, largando o bago e o rico manto,
Vestido de celicio, ignoto ao mundo,
Findas da vida o terreal caminho,
Em pobre claustro no teu caro Minho.»

Tal foi, em succinto epitome, um dos mais illustres varões portuguezes e insigne filho da religião dominicana. Aspero para comsigo, implacavel contra abusões e desmandamentos que podessem ferir a santidade da egreja, inaccessivel a todas as transigencias mundanas, tinha, comtudo, um fundo de piedade e de amor, que transluzia em todos os seus actos e palavras. Era humilde, comtanto que d'essa humildade não resurtisse descaimento para o cargo. Mantinha illesos os seus foros de prelado, e queria-os legar com todas as suas preeminencias e regalias.

A caridade nunca teve exemplificador mais estrenuo. Tocára o requinte d'esta virtude, despojando-se de tudo para valer aos necessitados. Tinha como que o prurido do bem; era incançavel n'este desprender de si fructos que servissem de alimento ás suas ovelhas famintas. Quando se privava, até do indispensavel, para soccorrer os que lhe batiam á porta, sentia o allivio consolador de um homem a quem arrancassem um pesado fardo.

Era uma arvore cujos ramos, vergando cheios de pomos e ramagens, se inclinavam tristemente para o solo, gemendo como de oppressão e fadiga; bastava que um sôpro de inverno lhe despisse todas essas louçanias e verduras, para ella se aprumar e parecer enlevar-se no ceo, contente com a sua pobreza.

Se na historia politica d'esta nação o nome de fr. Bartholomeu dos Martyres apparece escripto com uma dubia tinta de patriotismo, a luz intensa que as suas virtudes irradiam é de mais para illuminar a fronte calva d'este homem, a quem, se Roma não concedeu ainda a aureola da beatificação, tres seculos tem já votado as palmas florentes, que apenas se enfeixam em tropheo glorioso sobre o tumulo dos que deixaram de si um nome que é pharol para os navegadores d'este oceano da vida.

E. A. VIDAL.

A CRIANÇA NO CAMPO

Vi algumas vezes no campo a criança junto do trabalhador que lavrava a terra — a criança era a flor ao lado da espiga do trigo; a criança seguia cambeteante o sulco que a enxada ou o arado abriam; parava, colhia uma flor e arremessava-a, lançando ao mesmo tempo ao ar um grito, uma nota com dulcissima voz, um cantico á innocencia — alegria do coração infantil — e depois seguia o caminho encetado, caíndo aqui, erguendo-se mais adiante.

O trabalhador e pae, curvado á charrua, e mostrando na côr da tez e no suor do rosto o cançaço do corpo, volta-se de vez em quando para se certificar de que o filhinho ainda alli está vivo e escorreito; e chama-o, e encara-o com ternura, e sorri-se, porque o filhinho apressou o passo á sua voz.

Para que são taes brinquedos? perguntar-se-ha. A criança é alli estorvo ou distracção para o trabalhador?

Não é estorvo, não. A criança é a força intima, o animo, a esperança, o continuo refocillamento; no fundo do solo que vae sulcando, o trabalhador vê a criança antes que o grão prestes a germinar; porque a criança é o trigo vivo, é a abundante e risonha messe. Que de encantos e mysterios entre esses dois entes! Se a fronte se banha de suor, a criança a enxuga; se os braços vergam ao cançaço, a criança os ampara; se a alma se anuvia, a criança dissipa as nuvens, consola-a, enche-a de perfumes e de amor; em quanto o homem d'este modo sulca a terra, a criança sulca para elle o ceo. A compensação do trabalho do homem está no trabalho da criança.

Ha infinitas perspectivas e a eternidade na criança. Mensageiro divino, recem-chegado, revela-nos, para assim o dizer, o futuro e a vida; ao seu lado, o coração está constantemente remoçando.